

## BASTIDORES DOS NEGÓCIOS

BERNARDO COUTINHO



Garagem da Viação Itapemirim, em Cariacica: empresa chegou a ser uma das maiores da América Latina

# A QUEDA DE UM IMPÉRIO

## A Itapemirim, que já foi um grande grupo, hoje está endividada

LUÍSA TORRE  
ltorre@redgazeta.com.br

O ano era 1946. O jovem Camilo Cola voltava a Cachoeiro de Itapemirim após lutar na Segunda Guerra Mundial, na Itália, como integrante da Força Expedicionária Brasileira. Com o dinheiro ganho em território italiano, comprou um Ford Hercules e começou a transportar cargas e passageiros. Como os soldados tinham prioridade na compra desses veículos, estimulou colegas de front a comprá-los e colocá-los à venda, ganhando um bom dinheiro.

“Se eu for contar tudo, vamos precisar de outro encontro”, brinca Camilo Cola, sobre a origem do império que fundou: o grupo Itapemirim. Ele conta que, em 1948, surgia a Empresa de Transporte Autos - ETA, que tinha um único ônibus entre Castelo e Cachoeiro. Em

1950, a frota já era de dez veículos. A empresa foi crescendo e, em 4 de julho de 1953, nascia, em Cachoeiro, a Viação Itapemirim. “A empresa foi expandindo para Sul e Norte do Estado, e, na década de 1960, foi para o Nordeste. Quando entrei, há 42 anos, a Itapemirim fazia a ligação entre São Paulo, Espírito Santo e o Nordeste”, lembra Camilo Cola Filho, o Camilinho, ex-presidente da companhia.

O estilo empreendedor de Camilo Cola levou a empresa a dobrar quando, em 1972, incorporou uma das grandes empresas do país, a Nossa Senhora da Penha. De repente, a operação da Itapemirim alcançava praticamente todo o Sul brasileiro, chegando ao Uruguai.

“Nos anos 1980, chegamos ao nosso ápice. Compramos a linha Rio-São Paulo e nos tornamos a 14ª

montadora do Brasil, fabricando nossos ônibus, a marca Tecnobus. A Transportadora Itapemirim, de cargas gerais, também cresceu. Já na década de 1990, entramos no serviço aéreo de transporte de carga expressa. Foi uma época bonita da empresa”, conta Camilinho.

### DECADÊNCIA

Em seus tempos áureos, a Viação Itapemirim figurava entre uma das maiores da América Latina. Atualmente é uma empresa endividada, em recuperação judicial, e não pertence mais à família Cola, que vendeu o controle acionário da companhia no final de 2016. Segundo o ex-presidente da empresa, Camilo Cola Filho, a decadência é resultado de uma combinação de fatores: “No início dos anos 2000, começamos a sofrer muito com transporte clan-

destino. A fiscalização era fraca e havia lugares, como Pará e Maranhão, em que o transporte pirata ocupava 60% do mercado”.

Outro ponto foi a queda nos preços das passagens aéreas e incentivos fiscais dados às empresas de aviação, a partir de 2003. Somado a isso, pontua Camilinho, estão leis aprovadas na década que deram gratuidade a estudantes que atestem pobreza e a idosos, por exemplo. “A margem do setor piorou, e, em 2008, veio a crise internacional”, conta.

No entanto, o principal problema que atingiu a empresa foi um impasse na regulação pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), que começou em 2008 e só foi resolvido em 2015. As concessões foram substituídas por um modelo de autorização por linhas. A demora, no entanto, provo-

cou queda no faturamento das empresas, enquanto que o crédito ficou mais caro.

“Começamos a vender empresas para pagar outros negócios. Até 2008, o nosso passivo tributário era zero. Com a crise internacional, a empresa deixou de pagar alguns impostos e as multas e juros são altos. Sem certidão negativa, o crédito ficou mais caro e, se as vendas não reagiam, não conseguíamos cobrir”, explica Camilinho.

Em junho de 2015, com a definição da ANTT, a Itapemirim repassou, por R\$ 100 milhões, 68 das 118 linhas que operava à Kaissara, empresa que detinha uma linha, cujos sócios eram funcionários da Itapemirim.

Filha de Camilinho, Andréa Cola reconhece que houve problemas na administração dos negócios. Ela conta que tentou profissionalizar a gestão, mas atritos

com outros diretores impediram de seguir com o plano. “Tinha muitos atritos profissionais com a diretoria, e decidi sair. Havia diretor que estava na empresa antes de eu nascer. Cheguei a brigar com meu pai”, conta.

Diante de um quadro de dívidas trabalhistas e com fornecedores da ordem de R\$ 330 milhões e um passivo tributário de R\$ 1 bilhão, a empresa entrou, em março de 2016, em recuperação judicial. O processo ainda está correndo e resultou, até agora, no negócio com a Kaissara desfeito e na venda do grupo Itapemirim para investidores de São Paulo. Mas esse não é o ponto final da história. Alegando ter sido vítima de um golpe, a família Cola tenta na Justiça retomar o controle da empresa, enquanto que os novos sócios argumentam que as tratativas foram legais.

### Do império às dívidas

Década de 1940	Década de 1950	Década de 1960	Década de 1970	Década de 1980	Década de 1990
<ul style="list-style-type: none"> <li>Com dinheiro adquirido na Itália, ao participar da Segunda Guerra Mundial, Camilo Cola comprou, em 1946, um Ford Hercules e começou a transportar cargas e passageiros. Também intermediou a compra e venda desses veículos</li> </ul> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>Com o lucro das transações, associou-se a um comerciante local e criou a Empresa de Transporte Autos - ETA, que tinha um único ônibus, que rodava entre Castelo e Cachoeiro</li> </ul> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>A Itapemirim estendeu as linhas da empresa a todo o Norte do Espírito Santo. Com aquisições e licitações, passou a operar linhas como Brasília/Belo Horizonte e Belo Horizonte/Vitória. Em 1963, a frota era de 100 veículos</li> </ul> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>No início da década de 70, expandiu para o Norte e Nordeste, e passou a operar as linhas Belém/Rio de Janeiro e Salvador/Rio</li> <li>A Itapemirim incorporou a Nossa Senhora da Penha e passou a operar praticamente em todo o Sul do país, além de chegar ao Uruguai. A frota: 500 ônibus</li> </ul> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>A empresa passou a operar a ligação entre Rio de Janeiro e São Paulo e se tornou uma das maiores do mundo no segmento</li> <li>A Itapemirim passou a produzir suas carrocerias em Cachoeiro do Itapemirim, com a marca Tecnobus. A empresa lançou o Tribus, ônibus com três eixos, que foi um marco na inovação do setor</li> </ul> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>O grupo Itapemirim terminou o processo de diversificação iniciado no final da década de 1960, passando a abranger os segmentos como mineração, agropecuária, restaurantes, hotéis</li> <li>Nesta época, o grupo entrou no segmento de <b>transporte aéreo de cargas expressas</b>, serviço que manteve até o início dos anos 2000</li> </ul> 



“A Itapemirim tem uma tradição grande de bons serviços prestados. Me sinto responsável pelos funcionários e pela qualidade”

**CAMILO COLA** FUNDADOR DA ITAPEMIRIM

# Briga pelo controle acionário da Itapemirim

**Após vender empresas, família Cola entrou na Justiça para retomar a gestão do grupo**

A recuperação judicial e o processo de venda da Itapemirim abriu mais um capítulo na história da empresa. Com acusações mútuas dos antigos e novos sócios, a disputa pelo controle acionário da companhia virou imbróglio jurídico.

Com dívidas trabalhistas e com fornecedores de R\$ 336,49 milhões, além de um passivo tributário de R\$ 1 bilhão, o grupo Itapemirim entrou em recuperação judicial em março de 2016. No final do mesmo ano, a família Cola resolveu vender o controle acionário do grupo, que inclui seis empresas (Viação Itapemirim, Transportadora Itapemirim, ITA-Itapemirim Transportes, Imobiliária Bianca, Cola Comercial e Distribuidora e Flecha Turismo Comércio e Indústria) para as companhias SSG Incorporação e Assessoria e CSV Incorporação e Assessoria Empresarial, cujos sócios são Sidnei Piva de Jesus e Camila de Souza Valdívnia.

No negócio firmado, os novos sócios não pagariam valores à família Cola, mas assumiriam todas as dívidas do grupo. Camilo Cola Filho, ex-presidente da empresa, afirma que Sidnei e Camila se apresentavam como empresários que tinham R\$ 5 bilhões em créditos tributários, o que iria sanar as contas da empresa.

A família Cola, no entanto, acusa os novos só-



**Andréa Cola, Camilo Cola e Camilo Cola Filho alegam que são vítimas de um golpe**

cios de não terem honrado o acordo. Eles alegam que o processo de compra e venda não é válido, já que não assinaram todos os termos do contrato. De acordo com Filho, no contrato de venda havia anexos que descreveriam os bens que ficariam com a família, como imóveis que são de propriedade da Imobiliária Bianca, detentora do patrimônio dos Cola. “Firmamos uma declaração que

só teria validade se os anexos fossem assinados, mas eles nunca foram”.

A família alega que, em dezembro, o juiz da recuperação judicial, Paulino José Lourenço, determinou a transferência do controle acionário das empresas para o grupo e que o patrimônio construído está ameaçado. No entanto, uma escritura pública registrada em maio em cartório de São Paulo do advogado Marcio Mastropietro, responsável pela confecção do contrato de compra e venda, dá conta de que não houve assinatura dos anexos.

Apenas o controle societário da imobiliária não foi repassado a Camila e a Sidnei por causa do espólio da falecida esposa de Camilo Cola, Ignez Massad Cola.

De acordo com os ex-do-

nos do grupo Itapemirim, assim que o controle acionário foi transferido, a nova gestão teria começado a demitir sem cumprir obrigações, teria deixado de pagar fornecedores e ainda estaria realizando retiradas diárias dos caixas das empresas, através de notas fiscais frias direcionadas a outras empresas deles, como a Delta X, sediada em São Paulo.

Os Cola ingressaram na Justiça, então, com uma ação para retomar o controle acionário da Itapemirim. O processo terá audiência no dia 23 de junho.

## TRAIÇÃO

Os Cola alegam terem sido induzidos a entrar no processo de recuperação judicial por dois funcionários antigos da Itapemirim: Anísio Fioresi, na época

ca diretor-financeiro, e o chefe do setor jurídico, Rômulo Barros Silveira. “Anísio está na empresa há 42 anos. A família dele é vizinha da fazenda dos meus avós. Tinha total confiança nele”, frisa Camilo Filho.

Segundo ele, Fioresi e Silveira agiram de má-fé induzindo a família a uma recuperação judicial desnecessária, isolando diretores e incluindo no processo uma empresa sadia, a Imobiliária Bianca. “Com informação privilegiada e procações, eles se juntaram aos novos sócios, que aplicaram um golpe”, diz Filho.

O juiz Paulino José Lourenço foi procurado, através assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça, que informou que “o magistrado não concede entrevista sobre processo em curso.”

## Camilo Cola é intimado a sair da casa onde mora

Os ex-proprietários da Itapemirim, Camilo Cola e Camilo Cola Filho, foram notificados na última semana para desocupar o platô zero, área da empresa onde está a casa do fundador, atualmente com 93 anos.

O pedido, segundo Andréa Cola, não foi aceito pela Justiça. Isso porque, diz ela, o imóvel é de posse da Imobiliária Bianca, a única das empresas em recuperação judicial ainda em nome da família.

Na notificação extrajudicial, a Viação Itapemirim, que é quem pede a desocupação, informa que foi feito acordo verbal para que o espaço fosse utilizado de forma provisória, enquanto iniciavam o processo de mudança. A notificação diz que “entretanto, a utilização provisória e precária dos notificados no imóvel em debate tornou-se insustentável em decorrência das diversas acusações difamatórias inverídicas e litígios insanos extrajudiciais e judiciais”.

A notificação também traz a informação de que, em 4 de abril, foi comunicado o pedido de desocupação por haverem impedido acesso dos funcionários da viação ao depósito de arquivo.

## PASSIVO

# 1 bilhão

**de reais**

É o valor do passivo tributário do grupo Itapemirim.

## EMPREGOS

# 11 mil

**funcionários**

Foi o número de trabalhadores que a empresa teve no ápice, durante os anos 1980

## Anos 2000



- Camilo Cola foi eleito deputado federal, cargo que exerceu até 2008. Ele saiu da presidência da Viação Itapemirim e fica apenas no Conselho

- O barateamento das passagens aéreas e os incentivos fiscais dados às empresas de aviação provocaram uma queda na circulação de passageiros nos ônibus, a partir de 2003. Somado a isso são criadas leis que dão gratuidade a estudantes que atestem pobreza e a idosos nos coletivos

- Um impasse na regulação pela ANTT iniciado em 2008 e só foi resolvido em 2015 fez com que as empresas ficassem em situação de incerteza e isso provocou um aumento no valor do crédito nos bancos. Em 2015, as concessões foram substituídas por um modelo de autorização por linhas

## 2015

- Para se adequar à norma da ANTT, a Itapemirim transferiu à Kaissara, uma empresa pequena, que operava apenas uma linha, e cujos sócios eram funcionários da Itapemirim, 40% da frota e mais da metade das linhas



## 2016

Em março de 2016, em meio a dificuldades financeiras, a empresa protocolou um pedido de recuperação judicial, envolvendo seis empresas do grupo. Em dezembro, a Justiça decidiu incluir a Kaissara no processo alegando “desvio de patrimônio” na operação. **Em novembro, a empresa foi vendida para um grupo de São Paulo**



## BASTIDORES DOS NEGÓCIOS

# Grupo diz que processo de venda de empresas foi legal

**Atuais donos do grupo Itapemirim negam acusações dos antigos proprietários**

Diante das denúncias aventadas pela família Cola, ex-controladora da Viação Itapemirim, os novos sócios do grupo, Sidnei Piva de Jesus e Camila de Souza Valdívia, se defendem, mostrando documentos e afirmam que a transação foi legal.

A reportagem solicitou entrevista pessoalmente, por videoconferência ou por telefone, mas os sócios preferiram responder os questionamentos por e-mail.

De acordo com o grupo, a transferência do controle acionário foi realizada por meio de contrato de compra e venda de participações, elaborado pelos advogados dos próprios vendedores Camilo Cola e Camilo Cola Filho. Eles afirmam que toda a documentação para transferência das empresas foi assinada pelos antigos donos. “Todos os documentos foram assinados. Os anexos também foram apresentados em Juízo. A família, num primeiro momento, chegou a negar a assinatura dos contratos. Depois de comprovada a assinatura, passou a dizer que havia pendência de assinatura dos anexos”, completam.

O grupo informa que a questão virou objeto de discussão na Câmara Bra-



Sidnei Piva e Camila Valdívia disseram que recuperação judicial livrou empresa de perder todas as linhas

RAMON BARROS

## DÍVIDAS

*“Quando a atual gestão assumiu a empresa no final do mês de outubro de 2016, dívidas se acumulavam aos montes, e os salários dos trabalhadores estavam com quatro meses de atraso”*

**SIDNEI PIVA E CAMILA VALDÍVIA, DONOS DA ITAPEMIRIM**

sil-Canadá. “Quando surgiu o primeiro questionamento pelos ex-sócios, os novos sócios, por proteção, requereram perante a Câmara Brasil-Canadá, a instauração de procedimento arbitral visando se proteger de eventual conflito de interesses dos ex-sócios”.

Também por e-mail, o grupo enviou um documento com as alterações contratuais levado a registro na Junta Comercial do Espírito Santo, com todas as páginas assinadas por Camilo Cola e Camilo Cola Filho, sem reconhecimento de firma.

O grupo também destacou que, “não fosse a recu-

peração judicial, a empresa teria perdido todas as suas linhas” porque recebeu uma Declaração de Inidoneidade emitida pela ANTT.

Sobre a denúncia de que os débitos das empresas não estão sendo quitados, os sócios dizem que “os pagamentos são rigorosamente comprovados dentro do processo de Recuperação Judicial”. Os sócios ainda afirmam que as retiradas para a Delta X são prestação de serviço. “A Delta X é uma empresa que compõe o grupo e, como é natural, presta serviço para a Viação Itapemirim e outras empresas visando à redução dos custos”.

## CUSTOS

*“A Delta X é uma empresa que compõe o grupo e, como é natural, presta serviço para a Viação Itapemirim e outras empresas visando à redução dos custos”*

**SIDNEI PIVA E CAMILA VALDÍVIA DONOS DA ITAPEMIRIM**

Os sócios afirmam que “quando a atual gestão assumiu a empresa no final de outubro de 2016, dívidas se acumulavam aos montes, e os salários dos trabalhadores estavam com quatro meses de atraso. Também não pode ser esquecido que há outros créditos excluídos do regime de recuperação judicial que estão sendo cumpridos pela empresa”.

Nesse ponto, citam como exemplo a renegociação de uma dívida com o Banestes que, segundo eles, afeta uma fazenda da família.

Após as denúncias da família Cola, o grupo processa Camilo Cola Filho por calúnia. “O mesmo não honra o que assina e prefere espalhar fofoca pelo Estado ao invés de assumir que vendeu a empresa, e mais do que isso, assumir que errou em sua administração levando a empresa ao colapso”, afirmam os sócios por e-mail.

Eles também destacaram que “têm um enorme respeito por Camilo Cola, fundador do grupo Itapemirim, e jamais adotarão qualquer medida para despejá-lo. A única intenção é promover a recuperação das áreas dos escritórios”. O grupo ainda esclarece que a área onde fica a casa de Camilo Cola é chamada de área histórica, e não contempla o pedido de desocupação, “inclusive sendo matrículas diferentes”.

## Fioresi e Silveira dizem que não indicaram recuperação judicial

Hoje diretor de novos negócios da Itapemirim, Anísio José Fioresi, que foi diretor financeiro e participou da empresa durante 42 anos na gestão dos Cola, afirmou que não cometeu qualquer ato de traição com a família e diz que não foi mentor da recuperação judicial. Ele afirma que era contra a ideia.

“Todos os documentos, está tudo chancelado pelos acionistas. A decisão da recuperação judicial, eu era contra naquele momento. Não concordava porque a empresa não es-

## CONSIDERAÇÃO

*“Ao fundador (Camilo Cola), tenho a maior estima, convivi com ele mais que convivi com meu pai”*

**ANÍSIO JOSÉ FIORESI DIRETOR DE NOVOS NEGÓCIOS DA ITAPEMIRIM**

tava preparada para isso por uma série de questões”, explica.

Segundo ele, a dívida era impagável e a empresa estava dando prejuízo, sem conseguir nem mesmo pagar os juros. “Grande parte da frota, sua maior geradora de receita, estava parada. A empresa não tinha mais inclusive patrimônio para suportar a dívida na escalada que ela estava. A situação foi alertada, apontada e advertida”, diz.

Segundo ele, havia desde recursos utilizados para socorrer outras empresas até retiradas do caixa. “A empresa não fez

## ENDIVIDAMENTO

*“O grupo foi perdendo bons ativos, mas não teve a sensibilidade de reduzir seu endividamento”*

**ROMULO BARROS SILVEIRA CHEFE DO SETOR JURÍDICO DA VIAÇÃO ITAPEMIRIM**

um trabalho de governança familiar, então a família vivia do caixa da em-

presa. Isso foi se acumulando ao longo do tempo”, explica.

Ele diz que não traiu a família. “Não participei da composição do negócio, eu fui comunicado da transferência da sociedade. Sempre procurei fazer tudo com a maior lisura.”

Ainda chefe do setor jurídico da Viação Itapemirim, o advogado Romulo Barros Silveira também afirma que não orientou ninguém a entrar em uma recuperação judicial. “Quem trouxe a ideia foi um outro diretor institucional”, diz.

Na época, Silveira diz que não advogava, mas como conselheiro, disse que podia ser uma boa alterna-

tiva para a empresa.

“Eu sempre achei esse negócio extremamente difícil, uma empresa com dívidas da ordem de R\$ 1 bilhão, reverter é quase impossível. Achei que a empresa deveria ser reestruturada pelo grupo que controlava ela naquele momento. A recuperação nunca foi pautada na geração de caixa, e sim, na venda de ativos”, explicou.

Silveira afirma que continuou na empresa com a nova gestão pois Camilo Filho dispensou. “Eu me senti à vontade profissionalmente em aceitar o convite feito pelos novos donos”. Atualmente, ele trabalha para outras empresas de Sidnei Piva e Camila Valdívia.